

LITERACIA MULTICULTURAL

LUÍS SOUTA*

Literacia multicultural é um conceito criado por Banks & Banks em 1989 (mais amplo que o *ethnic literacy*, proposto em 1973), como contraponto à literacia cultural de E. D. Hirsh cujo subtítulo, do seu livro de 1987, definia o âmbito deste conceito “o que todo o americano precisa de saber”. Nesta mesma linha se posiciona Allan Bloom com o polémico livro, também editado em 1987, “The Closing of the American Mind” (1). Ao avançarem com uma lista de factos que qualquer cidadão deveria conhecer, por simples memorização, factos esses que denotam uma perspectiva *western-centric*, James Banks (1991) considera que ambos os autores defendem uma concepção neutral e estática do conhecimento, que prevalece no currículo tradicional das escolas e universidades, ignorando a “noção de conhecimento como uma construção social”. Ora, nesta concepção, em que se posicionam cientistas sociais e professores ligados, em particular, aos *women studies* e à educação multicultural, entende-se o conhecimento como dinâmico, mutável, reflectindo os contextos sociais, políticos e económicos em que é criado.

Entre outros, Banks dá os exemplos de “Novo Mundo” e “Descoberta da América” como conceitos definidos em termos eurocêtricos; os Índios, ou melhor, os *Native Americans*, têm com certeza uma ideia bem diferente sobre eles. Muito do conhecimento institucionalizado, veiculado pelas diferentes instituições escolares “reflecte os interesses, os objectivos, e os propósitos dos grupos dominantes dentro da sociedade” (Banks, 1990).

Contrariando este cânone, os grupos marginalizados e sem poder, como as mulheres e as minorias étnico-culturais, tentam introduzir um novo conhecimento nos currículos académicos. Procuram, deste modo, dar visibilidade à diversidade social, cultural, étnica e linguística existente nas sociedades, e mostrar a história, as experiências e os im-

portantes contributos que também esses grupos deram para as suas respectivas nações e para a nossa própria civilização.

No caso português, o saudoso programa televisivo de Natália Correia – Mátria, posicionava-se nesta linha de orientação. Neste sentido, em algumas instituições de ensino superior, como a ESE de Setúbal, disciplinas como “Sociedade e Culturas” e “História, Culturas e Sociedade” procuram analisar alguns períodos da História de Portugal e certas políticas discriminatórias – Reconquista, Inquisição, Escravatura e a secular legislação persecutória – sob o olhar dos árabes, dos judeus, dos negros e dos ciganos respectivamente.

Em síntese, ver o conhecimento como uma construção social e segundo diferentes perspectivas culturais constituem as duas componentes chave da literacia multicultural.

LITERACIA MULTICULTURAL: UMA NOVA LITERACIA NAS SOCIEDADES MODERNAS

O mundo, no limiar do século XXI, coloca novos desafios à generalidade dos cidadãos, que precisam de estar habilitados com novas literacias. O reconhecimento da necessidade da literacia multicultural, nos dias de hoje e nas sociedades modernas do ocidente, advém daquilo a que Banks designa como o imperativo demográfico; isto é, o crescimento significativo da população “de cor”, fruto da imaginação e das altas taxas de fecundidade que se registam nesses grupos. O seu peso numérico nas socieda-

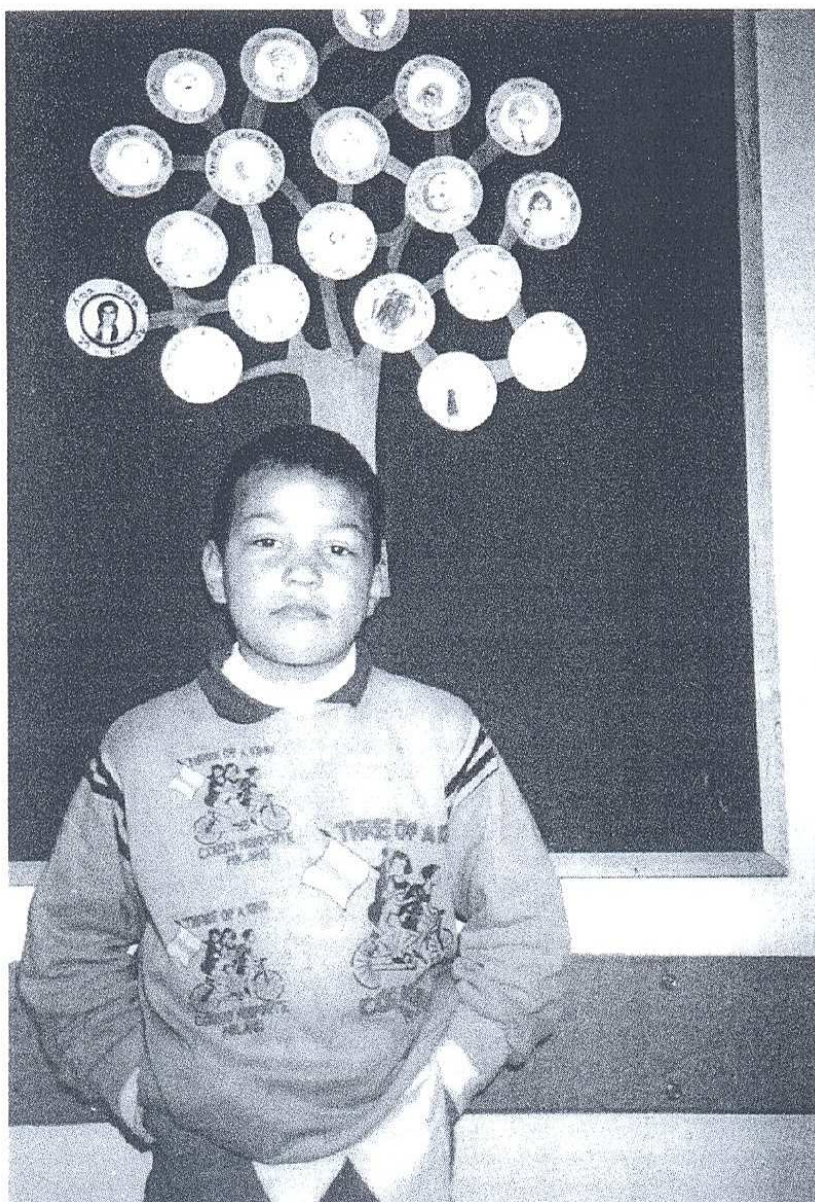


Foto: Luís Souta

des modernas, como os EUA e a UE, que se têm vindo a constituir como os dois polos de atracção mais importantes, é bem patente em dois sectores – o mercado de trabalho e as escolas: por exemplo, nos EUA, entre 1980 e o ano de 2000, cerca de 83% das novas entradas na força de trabalho são mulheres, pessoas “de cor” e imigrantes; no Luxemburgo, mais de metade das crianças a estudar têm nacionalidade estrangeira (2).

A mobilidade de pessoas, quer através dos processos de transnacionalização económica quer através do turismo, constitui um factor caracterizador das nossas sociedades. Este intenso movimento, à escala planetária, coloca em inter-acção pessoas dos mais diversos grupos étnico-culturais, diferentes na sua língua, religião, costumes e tradições. Este contacto de culturas implica o estabelecimento de pontes de comunicação e compreensão entre os grupos, e isto se queremos negociar com eficácia, viajar com segurança, exercer a cidadania composta (3), viver em liberdade, em suma, habitar num mundo coeso e de paz. A sociedade global exige a cooperação, não a exclusão ou o conflito. A filosofia do “nós vs eles” faz cada vez menos sentido numa época da permuta e do intercâmbio.

É este contexto de diversidade, nacional e internacional, que justifica a inclusão da literacia multicultural na formação básica de qualquer cidadão, de forma a habilitá-lo com “conhecimentos, atitudes e competências necessárias para funcionar eficazmente num mundo de rápidas mudanças (...) em sociedades democráticas e pluralistas” (Banks 1991).

LITERACIA MULTICULTURAL E REFORMA CURRICULAR

A literacia multicultural deveria já ter sido incluída nos documentos fundamentais da nossa Reforma Curricular. Mas uma vez tal preocupação não fora formulada na LBSE, os nossos designers curriculares e responsáveis da política educativa ficaram presos ao texto da lei de bases ao elaborarem os programas dos ensinos básico e secundário. E assim, apesar de um processo de Reforma Educativa relativamente recente continua-

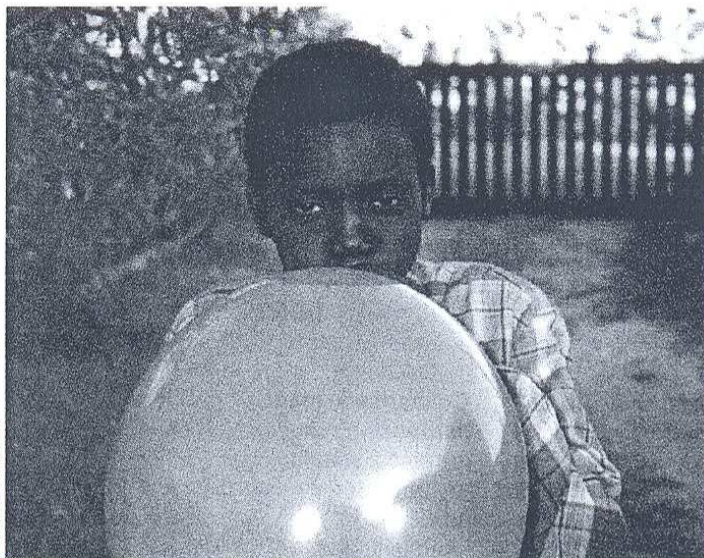


Foto: Luís Souta

mos, ao arripio das realidades e das grandes tendências modernas, com currículos androcêntricos, etnocêntricos e eurocêntricos (estes últimos viram-se ultimamente reforçados com as preocupações de introdução da “dimensão europeia”). E os manuais escolares espelham isso mesmo: persistem os estereótipos sobre a mulher e a invisibilidade dos diferentes grupos étnico-culturais.

Só no ano lectivo de 1993-94 se procurou contrariar esta “cegueira” multicultural com o lançamento do Projecto de Educação Intercultural em 30 escolas da rede pública. A funcionar agora em 52 escolas e prolongado para mais dois anos,

o ME manifestou a intenção de “ser estudado o seu gradual alargamento a todo o sistema educativo”. Mas para isso, há que procurar generalizar a abordagem das temáticas da multiculturalidade nos cursos de formação inicial e, nos programas de formação contínua de professores, considerar também esta como uma das áreas prioritárias.

No entanto, este Projecto tem-se centrado primordialmente nas escolas com um número significativo de crianças e jovens de raízes familiares africanas. Todavia, a literacia multicultural não pode ser vista como uma opção para as escolas, relegada para celebrações pontuais (tipo “semana cabo-verdiana”) ou destinada em exclusivo a algum tipo de alunos, os de minorias étnicas.

A Educação Multicultural, como um

meio de combate ao etnocentrismo, à xenofobia e ao racismo, não pode deixar de estar presente em ambientes homogéneos do ponto de vista étnico-cultural. A literacia multicultural (e temos sérias dúvidas sobre se este é um dos objectivos estratégicos do projecto) é hoje uma ferramenta importante, uma nova aquisição básica necessária a qualquer cidadão nas sociedades complexas do mundo moderno, neste virar de século.

NOTAS

(1) Tradução portuguesa na Europa – América/collecção Estudos e Documentos, n.º 242, com o título “A cultura inculta”.

(2) Para uma ilustração mais detalhada deste conceito, no que respeita à realidade dos EUA, Europa e Portugal, confrontar o artigo de Luís Souta “O imperativo demográfico”, jornal a Página, n.º 45, Abril 1996, p. 19.

(3) Conceito desenvolvido por Jacques-André Tschoumy “Subida em força de uma Europa das cidadanias compostas” in Novos caminhos para a cidadania na Europa e os valores da igualdade: Género, Multiculturalidade e Direitos Humanos. CIOE/ESE de Setúbal, 1995, pp 31-39.

REFERÊNCIAS

BANKS, James A. (1991) “Multicultural Literacy and Curriculum Reform”. Educational Horizons, Spring.

BANKS, James A. (1990) “Citizenship Education for a Pluralistic Democratic Society”. The Social Studies, September/October.

BANKS, James A. & BANKS, Cherry A. McGee (1989) “Teaching for Multicultural Literacy”. Louisiana Social Studies Journal, vol. 16 n.º 1, Fall, pp. 5-9.

BANKS, James A. (1973) “Ethnic literacy: Teaching for Ethnic Literacy, Social Education, 337, December, pp. 738-750.

* CIOE/ESE Setúbal. Vice-presidente da Associação Portuguesa de Antropologia.